

# Habermas e a coragem de ouvir – um adeus ao arquiteto da esfera pública

written by José Paulo Santos | 14 de Março, 2026



Hoje, o silêncio que chega de Starnberg não é apenas luto: é um convite à reflexão. Jürgen Habermas, o filósofo alemão que dedicou a vida a pensar como a democracia pode respirar através da palavra partilhada, partiu aos 96 anos. E deixa-nos, mais do que conceitos, um desafio cívico: acreditar que, mesmo no ruído do presente, o diálogo racional e respeitoso ainda pode tecer entendimento.

Habermas não era um profeta de certezas. Era um mestre de perguntas. Ensinou-nos que a legitimidade das normas não nasce do poder, mas do discurso livre, onde cada voz conta e cada argumento é escutado. Num tempo em que as redes sociais fragmentam o debate e a polarização substitui a escuta, a sua

obra soa como um farol: lembra-nos que a razão não é só cálculo instrumental, mas também reconhecimento mútuo.

Para quem acredita num jornalismo livre, rigoroso e ao serviço das pessoas – como o projeto que nos une aqui, n'0 Cidadão –, Habermas é um aliado póstumo. A sua teoria da ação comunicativa ecoa na nossa missão: separar com clareza opinião de informação, privilegiar a análise sobre o sensacionalismo, e defender que a liberdade de expressão só floresce quando acompanhada de respeito e responsabilidade.

Não se trata de celebrar um ícone intocável. Trata-se de honrar um legado vivo: o de que a democracia exige cidadãos capazes de argumentar com rigor, de ouvir mesmo quem discorda, e de defender a esfera pública contra os ruídos que a querem colonizar. Habermas confiava na força transformadora da linguagem. Cabe-nos a nós, agora, praticar essa confiança.

Descansa em paz, Jürgen. A tua voz não se cala: ecoará sempre que alguém escolher a palavra como ponte, e não como muro.

**«A única potência que não coage é a potência do melhor argumento.»**

Esta frase sintetiza o núcleo da Teoria da Ação Comunicativa de Habermas. Ao contrário do poder político ou económico, que impõem decisões através de coerção ou influência, o espaço democrático ideal deve ser regido apenas pela força racional da melhor argumentação. É um lembrete poderoso para os cidadãos e para os órgãos de comunicação social sobre como deve funcionar o debate público.